

# Universo poético de Manoel de Barros: descobertas e peraltagens de leitores literários

Adriana Cercarioli<sup>1</sup>

Joseane Aparecida de Souza Francisco<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho pautou-se nas formações continuadas específicas para os educadores das escolas do campo, pensadas a fim de conferir à Educação do Campo, da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS, a identidade delineada e defendida pelas Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo. Considerando esta premissa, que denota a necessidade do desenvolvimento de metodologias diferenciadas, elaborou-se o projeto de leitura "Bodoque de palavras – Uma homenagem ao poeta inventor". A função deste projeto é direcionar estes profissionais para a relevância da investigação das questões relacionadas à identidade, seu papel na constituição da escola e de práticas pedagógicas na perspectiva do letramento literário.

**Palavras-chave:** Educação do Campo. Identidade. Letramento literário. Manoel de Barros.

## Abstract

*This work was based on the Specific Continued Formation for teachers of rural schools, designed to confer for the Educação do Campo, da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS, the identity delineated and defended by Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo. Considering this premise, that represents the necessity for development of different methodologies, was elaborated the Project of reading "Bodoque de palavras – Uma homenagem ao poeta inventor". The function of this project is to direct these professionals to the prominence of the investigation about the identity, your paper in the constitution of the schools and pedagogy practices from the perspective of letramento literário.*

**Keyword:** Fiel education. Identity. Literary Literacy. Manoel de Barros.

## INTRODUÇÃO

Um número expressivo dos conflitos que se destacam nos ambientes escolares deve-se à dificuldade de se lidar com a diversidade humana, pois muitos educadores, ainda não conseguiram avaliar que suas práticas estão contaminadas por uma concepção pautada na homogeneização e na padronização. Para rever esta realidade, os educadores necessitam investigar os sujeitos que constituem o espaço escolar. Nas escolas do campo esta assertiva é incontestável, é necessário reconhecer que estas escolas são constituídas pela multiplicidade dos sujeitos que as compõem.

---

<sup>1</sup> Especialista em Linguagem e Ensino da Língua: redação e leitura pela Universidade de Cuiabá/UNIC. Coordenadora do Núcleo de Educação do Campo que integra a Divisão de Educação e Diversidade/DED da Secretaria Municipal de Educação/SEMED e coordenadora do Programa Escola Ativa na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS/REME. E-mail: [dricercarioli@yahoo.com.br](mailto:dricercarioli@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Especialista em Língua Portuguesa: Uma Abordagem Textual nos anos finais do Ensino Fundamental pela Universidade Católica Dom Bosco/UCDB. Professora de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS/REME e professora de Língua Portuguesa das Séries Iniciais do Ensino Fundamental na Escola Especial Raio de Sol- Associação Pestalozzi de Campo Grande- MS. E-mail: [joseane.souzacorrea@pop.com.br](mailto:joseane.souzacorrea@pop.com.br).

Estes sujeitos representam um verdadeiro arlequim de conhecimentos, portanto, merecem a mesma diversidade no trato com a prática pedagógica. Mais preocupante que recusar esse dado, é ofertar, aos alunos do campo, as mesmas práticas disseminadas ou ditadas por um currículo urbano-cêntrico (espaço urbano superior ao espaço do meio rural). Para tanto, precisamos, no mínimo, de professores identificados com as identidades que constituem estas escolas.

É óbvio que essas reflexões precisam adentrar a trajetória das formações dos professores da Educação do Campo: analisar a constituição dos sujeitos e da identidade das escolas do campo, valorizar os saberes próprios desses povos e sua memória coletiva. Na busca por promover essas transformações nas mentalidades educadoras, apontamos as metodologias apropriadas, propostas pelo Artigo 28 da Lei nº 9.394/96 – LDB, no qual orienta-se a observação das peculiaridades da vida rural e de cada região especialmente.

Então, como conduzir os professores a investigar e conhecer a identidade do sujeito que constitui a sua sala de aula?

Conhecer esta identidade inicia-se pela leitura do mundo em que está inserido este aluno do campo, aproximando-se da comunidade e dos pais, compreendendo seus mecanismos de subsistência e de sobrevivência, os modos de vida, de trabalho e de produção de cultura dos povos do campo. Assim, é mais fácil para o professor romper com os preconceitos que ele confere a elementos tão importantes da constituição do sujeito: o tempo e o espaço. Arroyo (2007) destaca que é impossível transformar aquilo que não se conhece. A escola também falha quando não concilia os tempos de vida aos tempos de currículo:

Não tem direito à vivência tranqüila, digna dos tempos humanos que nossa cultura recortou como direito de todo ser humano: a infância, a adolescência, a juventude. Não lhes é dado o direito a viver cada tempo com sua especificidade humana, socializadora, cognitiva e ética. Vivem tempos atropelados invadidos por outros tempos. (ARROYO, 2007, p. 190).

Diante do exposto, evidenciam-se os tempos de vida importantes na vida do aluno – infância e juventude - nos quais se estabelecerão raízes e identificações. Em decorrência dessa observação, cabe, aos professores, investigar metodologias diferenciadas que preconizem o estabelecido no parágrafo único do artigo 2º das Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo:

A identidade da escola do campo está vinculada às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (BRASIL, 2002, p. 37).

Tão importante quanto o professor descobrir as relações existentes entre o aluno e sua produção de cultura, é imprescindível ao aluno descobrir-se autor dela. Por meio das formações específicas da Educação do Campo da Rede Municipal de Ensino/ REME, uma das respostas para concretizar esta condição produtora foi proporcionar aos alunos, conduzidos pela leitura literária, a ter uma experiência que possibilitasse o despertar de um olhar investigativo e promissor sobre o seu universo. Sendo assim, na perspectiva do letramento literário, delineou-se, para seis escolas pólo e quatro extensões, o projeto de leitura “Bodoque de palavras – Uma homenagem ao poeta inventor”.

## **I. LETRAMENTO LITERÁRIO: ALQUIMIA SINESTÉSICA**

Pensar na leitura significa ir além dos aspectos funcionais da língua escrita, possibilitando uma experiência estética que se sobrepõe às necessidades cotidianas.

Nesse sentido, os PCN's de Língua Portuguesa para os 3º e 4º Ciclos (BRASIL, 1998) propõem uma visão diferente sobre o leitor, que passa de leitor escrevente para leitor produtor, na análise de Rojo (2002), o que implica em mudanças de conceitos e práticas por parte da comunidade escolar, inclusive do professor de linguagem.

Ao abordar o ensino da literatura no processo de letramento é preciso considerar que o contato com o texto literário não se inicia na escola, mas pode ser aprimorado neste ambiente por meio do letramento literário. O termo "letramento literário" foi divulgado, pela primeira vez no Brasil, segundo Machado (2002), por Graça Paulino, com o significado de "pacto de leitura" que o leitor faz com o texto literário, percebendo, através da experiência estética, a diversidade da linguagem da invenção, do simbólico, que busca representar realidades não percebidas pela linguagem da comunicação cotidiana.

A leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem e a sociedade em sua diversidade, e assim torna mais compreensivos, mais tolerantes. Compreensão e tolerância são condições essenciais para a democracia cultural; a leitura literária democratiza o ser humano porque traz para seu universo o estrangeiro, o desigual, o excluído, e assim nos torna menos preconceituosos, menos alheios às diferenças - o senso de igualdade e de justiça social é condição essencial para a democracia cultural. A leitura literária democratiza o ser humano porque elimina barreiras de tempo e de espaço, mostra que há tempos para além do nosso tempo, que há lugares, povos e culturas para além da nossa cultura (...). (SOARES, 1999. apud RODRIGUES, 2006, p. 06).

Elegemos o poeta Manoel de Barros para idealizar esta tarefa de leitura na escola, pois denota, em sua produção poética, a aproximação com o universo do sujeito do campo e a compreensão de que o homem regional também é universal.

O letramento literário proporciona ao educando a fruição desse gênero (o texto literário), por meio das obras de arte, dos poemas, das músicas e o conduz à percepção da confluência do seu universo de vivências com inúmeros outros universos, compreendendo que suas experiências de vida no campo dialogam com experiências de sujeitos tão distantes e de distintas épocas. O saudosismo e a vanguarda dos versos de Manoel de Barros demarcam essa linha do tempo, esse mapeamento dos povos pelos quais os alunos caminharam, encontrando as influências diversas e as semelhanças relacionadas à sua origem.

Portanto, para que ocorra o trabalho adequado da literatura na escola, faz-se necessário considerar o uso estético da linguagem, os recursos estilísticos e os recursos de expressão do texto. Tal fator permitirá ao aluno "passear" pelo corpo do texto, descobrindo sua essência, seus cheiros, sabores e dissabores. Essa "viagem sinestésica" só é possível quando há um conhecimento do professor em relação a estes recursos literários, reconhecendo a importância da literatura na formação humana do aluno, como um recurso que promove o seu crescimento pessoal e cultural.

Com base nesse conceito, no entendimento de Rodriguez (2004), para que possa existir um ensino de literatura que leve em consideração o aluno como sujeito leitor e

não se restrinja somente a práticas de leituras obrigatórias pela escola, é necessário que o professor seja um leitor literário. Pelo mesmo viés Freitas e Micarello (2002) retomam as ideias de Lajolo e salientam que “se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor.” Dessa forma, se o educador não encontrar prazer na leitura, se não reconhecer o valor de um texto literário, não desenvolverá o senso estético que permitirá ao aluno uma leitura literária.

## **II. PROJETO DE LEITURA “BODOQUE DE PALAVRAS – UMA HOMENAGEM AO POETA INVENTOR”**

Nesse contexto, pensar no incentivo à leitura é repensar o ensino da literatura. Refletir sobre qual literatura eleger para esta modalidade de ensino levou-nos a promover leituras que apontaram conteúdos do processo educativo gerados pela trajetória humana, intrinsecamente apoiados nos conhecimentos históricos e socialmente construídos.

O estudo e a compreensão do universo literário do poeta Manoel de Barros, por meio do projeto de leitura “Bodoque de palavras – Uma homenagem ao poeta inventor”, oportunizou aos professores das escolas do campo da Rede Municipal de Ensino, percorrer histórias de vidas dos alunos, de suas famílias, da comunidade e dos movimentos sociais nos quais estão inseridos, considerada a proximidade do cenário, dos episódios e das temáticas das obras do projeto com a realidade na qual os sujeitos da Educação do Campo estão vinculados.

O projeto ultrapassou a preocupação com o poder da leitura e da produção escrita, todavia, encontrou, nesse aspecto, um suporte para questionar a relevância da memória coletiva e da identidade dos povos do campo, almejando fortalecer seus modos de vida e trabalho específicos.

Este trabalho conferiu às práticas educativas dos educadores das escolas do campo o sabor regional, neológico e inventivo da poesia. Quando apresentados aos versos do poeta, as crianças e os jovens imediatamente compreenderam que a poesia se parece com eles, não precisava ter explicação, como traduz Manoel de Barros (2002) “Poesia não é para compreender, mas para incorporar”.

Para organizá-lo e obter os resultados esperados foram eleitos, pelas unidades escolares, dois professores disseminadores. A Secretaria Municipal de Educação por meio da Divisão de Educação e Diversidade e do Núcleo de Educação do Campo elaborou quatro oficinas literárias, realizadas bimestralmente, das quais os disseminadores participaram a fim de realizar a transposição desse conhecimento para os alunos. As oficinas intituladas “Amassa Barros, desenha versos” ultrapassaram a dialogicidade acerca do processo criativo do poeta, construíram-se pela curiosidade e pelo encantamento oriundos das atividades realizadas. Este trocadilho que nomeia as oficinas do projeto descreve que “amassamos” os versos do poeta, investigamos, reviramos de um lado para o outro, até deixá-los em estado de traste, como diz o autor. Logo, depois de bem “amassadinhos”, os professores e os técnicos da SEMED “desenharam” novos versos. Desenhar sim, pois a poesia de Manoel de Barros é imagética, ou seja, quem escreve e quem lê, idealiza imagens poéticas.

As oficinas, para muitos professores, caracterizaram-se pela função inédita que tocou o fazer docente. Os professores descobriram-se novos leitores sob a ótica do

letramento literário, apreciaram o magnetismo que exerce a obra artística cujo conteúdo é matéria de vida dos sujeitos com os quais convivem.

Cada escola, na sua especificidade, enfatizou traços marcantes dos livros de Manoel de Barros. Umas, confeccionaram trabalhos manuais, outras, comunicaram-se por meio das tecnologias de informação, também contemplamos mostras de adaptações literárias. Os professores registraram este evento, acerca da leitura literária, em portfólios, constituídos por atividades realizadas pelos alunos e imagens captadas das apresentações. Ao término de cada transposição das oficinas e seguindo o cronograma esboçado para o projeto "Bodoque de palavras", os professores enviavam bimestralmente, ao Núcleo de Educação do Campo, a planilha de acompanhamento do referido projeto.

Destacamos, neste artigo, a experiência da Escola Oito de Dezembro, cuja disseminadora explorou o que há de mais rico no elenco das obras do poeta: a constituição da linguagem criadora.

### **III. APIP: UMA VIAGEM NO UNIVERSO DA LINGUAGEM DE MANOEL DE BARROS**

Cabe ao professor proporcionar ao aluno a busca plena de sentido dos textos literários. Essa postura do docente possibilita ao educando construir seu próprio conhecimento e desvendar as muitas possibilidades de leituras que um texto literário pode proporcionar. Nesse sentido, durante a disseminação das ideias do projeto "Bodoque de palavras- Uma homenagem ao poeta inventor", na Escola Municipal Oito de Dezembro, para os alunos do 7º ano matutino, várias oficinas foram realizadas, tendo como objetivo fazer uma reflexão sobre quais seriam os possíveis direcionamentos para a construção de sujeitos leitores que encontrem o prazer e o gosto pela leitura.

Assim, ao possibilitar ao leitor escolher seus autores preferidos como Ziraldo, Monteiro Lobato, Cecília Meireles na oficina Roda de leitura, houve a possibilidade de um encontro com obras literárias prestigiadas, permitindo-os desenvolver sua autonomia na escolha dessas obras. Ao compartilhar suas impressões, sobre o texto lido, foi possível pensar sobre os recursos estilísticos, a linguagem diferenciada e o sentido conotativo das palavras, próprio dos textos literários.

Também foi imprescindível entrar no universo do aluno, utilizando como passaporte, a chave de suas memórias de leituras, da mesma forma o fez o poeta homenageado "Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas". Assim como o poeta buscou ouvir os "clamores antigos" das palavras no poema Escova (BARROS, 2003), os alunos cavalgaram pelas velhas estradas de suas memórias, ouvindo o som de um berrante que "apartava" as lembranças e que poderiam ser vivenciadas de novo por meio das palavras.

Essa postura permitiu o resgate de lendas e contos orais, conforme relatou a aluna Ingrid Besseli, ao compartilhar a sua história preferida, da coruja que foi amaldiçoada e seus filhotes transformados em crianças, o que a levou a roubar meninos e meninas, que ficavam acordados até tarde, para seu ninho, pensando que fossem suas corujinhas. Segundo a aluna, ouvia essa história de seu pai, para que fosse dormir cedo.

O educando ao compartilhar suas experiências de leituras, sejam elas, extraídas dos cânones da literatura brasileira ou da literatura oral, transforma a leitura num ato solidário, na medida em pode ser outro, viver as aventuras e desventuras dos outros, rompendo os limites do tempo e do espaço, segundo Cosson (2007).

Essa troca de experiências literárias chega ao leitor por meio de um envolvimento emocional, conforme afirma Machado (2002) e pode ser observada de forma poética na obra *Cantiga de Malazarte*, de Murilo Mendes.

*"Eu sou o olhar que penetra nas camadas do mundo,  
ando debaixo da pele e sacudo os sonhos.  
Não desprezo nada que tenha visto,  
todas as coisas se gravam para sempre na minha cachola.  
Toco nas flores, nas almas, nos sons, nos movimentos,  
destelho as casas penduradas na terra,  
tiro os cheiros dos corpos das meninas sonhando.  
Desloco consciências,  
a rua estala com os meus passos,  
E ando nos quatro cantos da vida. (...)"*

Fazer os alunos mergulharem no universo do poeta Manoel de Barros nos fez acreditar que a eficácia da aprendizagem se dá a partir da interação e da cooperação entre os sujeitos, tornando o ambiente escolar um espaço de troca de conhecimento que proporciona a emancipação intelectual e social do aluno. Para isso, foi necessário ter uma postura mais desafiadora, um olhar singular e mais atento para elaborar recursos que proporcionassem a fruição de textos poéticos por parte dos alunos, sem fazer uma "escolarização inadequada da literatura", conforme cita Machado (2002).

Nesse sentido, na escola Oito de Dezembro a professora Joseane Aparecida Souza Francisco enfatizou os estudos na investigação da constituição e dos recursos da linguagem da obra do poeta, conforme narra: "A princípio não entenderam muito bem o projeto, os alunos indagaram sobre o que o poeta realmente estava falando; de repente, passaram a perceber que se tratavam de seres e coisas que eles observavam em casa, no seu quintal, no caminho da escola, eram elementos despercebidos no seu cotidiano e que passaram a observar".

Por meio da leitura, da contextualização dos poemas foi possível, proporcionar a esses alunos uma viagem na linguagem poética de Manoel de Barros. E eles viajaram porque construíram seu próprio "desobjeto" para percorrerem pelos neologismos, por palavras já esquecidas outrora, mas, que em seus poemas, apresentavam-se "faceiras" com roupagens "novinhas".

A construção dos neologismos permitiu aos alunos sentirem que nesse jogo de invenção todos se tornam um pouco poeta. Assim, ao lançar o desafio de elaborarem neologismos, timidamente, pensaram em "palavras já acostumadas", conforme cita o poeta na obra *Livro sobre o nada* (1997). Mas, aos poucos, foram revisitando sua identidade ao criarem a palavra "naturi", no sentido de natural de Anhanduí, pois, pertencendo a essa região, "naturi" simbolizava os próprios alunos.

No exercício da meta-poesia os alunos compreenderam que não se trata de dom, mas, de um trabalho árduo, lapidação: transformar pedra bruta. Sendo assim, no ofício de ourives de palavras, lapidaram um novo vocábulo, além de "naturi", a "Apip", oriundo da palavra pipa. Essa criação literária remete ao lúdico, elemento característico do poema *Matéria de poesia*, ao apresentar objetos, que já em situação de desuso, servem de brinquedos para as crianças. Ao criarem essas novas palavras,

geradas de outras, também criaram novos conceitos. Se a pipa serve para voar no céu, a "Apip" tornou-se um elemento do chão, a pipa que desce, aproximando-se dos elementos comuns que Barros utiliza em seus poemas, como o pente, as folhas secas, os caramujos etc.

A invenção naturi, personificação dos alunos, entrou no jogo do significado das palavras, constituindo o poema "Apip" (em anexo), o olhar "torto" de um menino, natural de Anhanduí (os alunos) sobre um objeto que não exerce mais sua função de voar. A pipa, representando a poesia, atribui a esse objeto uma nova função, o chão. "Apip", a pipa que desce, agora, também, representa o neologismo, o novo universo criado para ela.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Muito além de anunciar aos educadores a necessidade de cumprir o que nos solicita as Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo, buscamos, por meio do projeto "Bodoque de palavras – Uma homenagem ao poeta inventor," unir práticas inovadoras de aprendizagem, de modo a fazer uma educação que forme e cultive identidades, autoestima, valores, memória, saberes e sabedoria, no intuito de que a palavra *enraíze*, não signifique fixar as pessoas em sua cultura, seu lugar, seu modo de pensar, de agir, de produzir, porque almejamos uma educação que projete movimento, relações e transformações. O resultado esperado não é fixar o homem do campo no campo, afirmamos que estamos na luta para fixar os valores do campo nos alunos da Educação do Campo.

Dentre as mudanças conquistadas a partir dessa jornada de letramento literário, destacamos o protagonismo dos professores disseminadores, que manifestaram, nas escolas, atitudes de liderança e autonomia frente à produção de metodologias diferenciadas e estimularam leituras/produções de textos com vistas à apropriação da linguagem escrita como objeto socialmente construído, que possibilite a superação do seu uso como instrumento de seleção, dominação e alienação. Este dado constatou-se e fortaleceu-se no transcorrer da formação continuada do referido projeto, na qual, os educadores da REME, que atuam nas escolas do campo, passaram a entender a leitura/produção de texto como uma atividade humana coletiva, na medida em que a produção do conhecimento é histórica.

A culminância dessa idealização literária realizou-se no auditório da SEMED, em novembro de 2010, intitulada I Mostra Cultural da Educação do Campo e perpetuou-se por meio de um documentário produzido em parceria com a Fundação Manoel de Barros, o qual se transformou em um memorial, um patrimônio cultural construído para consolidar a voz dessa modalidade de ensino dentro da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande – MS e evocar muitas outras vozes e mentes dedicadas a investigar, compreender e respeitar estes sujeitos tão únicos e tão universais: os povos do campo.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BARROS, M. **Livro sobre o nada**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. **Arranjos para assobio**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. **Memórias inventadas**: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Diretrizes operacionais para a Educação básica nas escolas do campo**. Brasília: SECAD/MEC, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.

FREITAS, L. R.; MICARELLO. H. A. L. da S. Os sentidos produzidos por crianças e adolescentes para suas experiências com a leitura e escrita na escola. In: FREITAS, M. T. A ; COSTA, S. R. (Org.). **Leitura e escrita na formação dos professores**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2002.

MACHADO, M. Z. V. Literatura na escola: entre as escolhas dos alunos e as escolhas para os alunos. In: FREITAS, M. T. A & COSTA, S. R. (Org.). **Leitura e escrita na formação dos professores**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2002.

RODRIGUES, P. C. de A. **A formação do leitor literário em duas coleções didáticas de língua portuguesa**. Dissertação de mestrado A literatura no livro didático de língua portuguesa: a escolarização da leitura literária Faculdade de Educação / UFMG, Minas Gerais, 2006. Disponível em: <[http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss11\\_06.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss11_06.pdf)> Acesso em 20 fev. 2011.

RODRIGUEZ, V. B. C. A leitura, o texto, o sujeito: O lugar da inscrição do desejo. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 13, n. 21, p. 35-44, jan./jun., 2004. Disponível em: <<http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero21.pdf>> Acesso em: em 25 fev. 2011.

ROJO, R. H. R. A concepção de leitor e produtor de textos nos PCN'S: "ler é melhor que estudar". In: FREITAS, M. T. A; COSTA, S. R. (Org.). **Leitura e escrita na formação dos professores**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2002.

## **ANEXO**

### **POEMA APIP**

*Apip está em desinstrumento  
pelo desavestruz  
Que a admira com encantamento*

*Pois outrora, naturi queria transformá-la em paralelo pipa  
Mas num ato de desamor  
aconteceu algo sanital  
que a deixou depenadamente*

*Naturi ficou muito chateado  
queria tanto que sua apip  
se tornasse em dextinção  
Então teve uma grande ideia:  
Tirar a apip da desnatureza  
e pertencê-la ao novo mundo*

*(Alunos do 7º ano matutino da Escola Municipal Oito de Dezembro)*